

AS MIL E UMA NOITES

الفليضة وليدة

HISTÓRIAS APÓCRIFAS

ANTOINE GALLAND
HANNA DIAB

Tradução do francês por
Martim Velho Sotto Mayor
Introdução de Hugo Maia



Índice

<i>Os contos órfãos d'As Mil e Uma Noites</i>	9
História de Aladino ou a Lâmpada Maravilhosa	19
As Aventuras de Califa Harun-Al-Raschid	136
História do Cego Bábá-Abdalá	141
História de Sidi Numane	154
História de Cogia Hassan Alhabal	169
História de Ali Bábá e os Quarenta Ladrões Exterminados por uma Escrava	201
História de Ali Cogia, Mercador de Bagdad	240
História do Cavalo Encantado	254
História do Príncipe Ahmed e da Fada Pari-Banu	292
História das Duas Irmãs Invejosas da Mais Nova	353

História de Aladino ou A Lâmpada Maravilhosa

Ao terminar a história de Abu Hassan, a sultana Xerazade tinha prometido ao sultão Xariar que lhe contaria outra, no dia seguinte, que não o divertiria menos. Sua irmã Dinarzade não deixou de lhe lembrar, antes de surgir o dia, que devia cumprir a sua palavra e que o sultão lhe dissera estar disposto a ouvi-la. Sem se fazer esperar, Xerazade contou-lhe a história seguinte, nestes termos:

Senhor, na capital de um reino da China, muito rico e de enorme extensão, cujo nome não me ocorre presentemente à memória, havia um alfaiate de nome Mustafá, sem outra qualificação que não fosse aquela que a sua profissão lhe outorgava. Mustafá, o alfaiate, era muito pobre; o seu trabalho apenas lhe dava para poder subsistir com a sua mulher e um filho que Deus lhe dera.

O filho chamava-se Aladino e tinha sido educado de uma maneira muito descuidada, que o tinha levado a adquirir certos vícios. Era malvado, obstinado e desobediente ao pai e à mãe. Mal ele cresceu, os pais nunca mais conseguiram mantê-lo em casa; saía de manhã e passava os dias a brincar nas ruas e praças públicas com pequenos vagabundos, que eram pouco mais velhos do que ele.

Uma vez que estava em idade de aprender uma profissão, o pai, que não tinha uma situação que lhe permitisse mandá-lo aprender

outra profissão que não fosse a sua, meteu-o na sua oficina e começou a mostrar-lhe de que modo ele devia manejar a agulha. Mas nem os bons modos nem o receio de qualquer possível castigo conseguiram ajudar o pai a fazer assentar o feitio volúvel do seu filho. Não era capaz de o refrear e de o obrigar a ser assíduo e dedicado ao trabalho, como ele desejava.

Mal Mustafá virava costas, Aladino escapava-se e já não regressava mais durante todo o dia. O pai repreendia-o, mas Aladino era incorrigível; e, com grande pesar seu, Mustafá foi forçado a abandoná-lo à sua libertinagem. Isso deu-lhe um grande desgosto. E a tristeza que ele sentia por não poder fazer entrar o filho no caminho do dever causou-lhe uma doença tão renitente que acabou por morrer ao fim de uns meses.

A mãe de Aladino, que via que o filho não enveredava pelo caminho de aprender o ofício do pai, fechou a loja e fez algum dinheiro com todos os utensílios da profissão do marido, para a ajudar a subsistir, ela e o filho, com o pouco que ganhava a fiar algodão.

Aladino, que já não se sentia preso com o medo do pai, e que pouco se importava com a mãe, ameaçando-a, até, à mais pequena admoestação que ela lhe fazia, entregou-se então à mais completa libertinagem. Dava-se cada vez mais com os garotos da sua idade, e não deixava de brincar com eles com maior entusiasmo do que até aí. Continuou nessa vida até aos quinze anos, sem qualquer preocupação fosse pelo que fosse que o obrigasse a meditar naquilo que poderia vir a ser um dia. Encontrava-se nessa situação quando, um dia em que brincava no meio de uma praça com um grupo de rapazes vagabundos, conforme o seu costume, passou por lá um estrangeiro que parou e se pôs a olhar para ele.

Esse estrangeiro era um mágico insigne, que os autores que escreveram esta história nos dão a conhecer sob o nome de Mágico Africano. É assim que lhe chamaremos, tanto mais que ele era realmente originário de África e que tinha chegado realmente apenas há dois dias.

Fosse porque o mágico africano, perito em fisionomia, notasse na cara de Aladino tudo aquilo que era absolutamente necessário para atingir o objectivo que determinara a sua viagem, ou fosse por qualquer outra razão, o certo é que se informou logo sobre a sua família

e a respeito do que ele fazia, e quais as suas inclinações. Quando ficou inteirado de tudo quanto desejava, aproximou-se do moço e, puxando-o à parte, de maneira a ficar um pouco afastado dos seus camaradas, disse-lhe:

— Meu filho, teu pai não se chama Mustafá, o alfaiate?

— Sim, senhor — respondeu Aladino. — Mas já morreu há muito tempo.

Ditas estas palavras, o mágico africano lançou-se ao pescoço de Aladino, abraçou-o e beijou-o várias vezes com lágrimas nos olhos, acompanhadas de soluços. Aladino, ao observar as suas lágrimas, perguntou-lhe por que razão estava a chorar.

— Ah! meu filho! — exclamou o mágico africano — como é que eu poderia evitá-las? Eu sou teu tio; o teu pai era um bom irmão meu. Há muitos anos que ando em viagem e, precisamente no momento em que chego aqui com a esperança de o tornar a ver e de lhe proporcionar uma certa alegria com o meu regresso, dizes-me que ele morreu! Garanto-te que sinto uma dor imensa por me ver privado da satisfação e da alegria que julgava vir ter. Mas o que alivia um pouco o meu pesar é que, tanto quanto me lembro, reconheço os seus traços fisionómicos na tua cara e vejo que não me enganei ao dirigir-me a ti.

Ele perguntou a Aladino, na altura em que metia a mão na bolsa, onde morava a mãe. Aladino respondeu-lhe e o mágico africano deu-lhe um punhado moedas, dizendo-lhe:

— Meu filho, vai ter com a tua mãe, dá-lhe muitos cumprimentos meus e diz-lhe que amanhã irei vê-la, se tiver tempo, para ter a consolação de ver o lugar onde o meu bom irmão viveu durante tanto tempo e onde acabou os seus dias.

Logo que o mágico africano deixou o sobrinho que ele próprio acabava de arranjar, Aladino correu a casa da mãe todo contente com o dinheiro que seu tio lhe dera.

— Minha mãe — disse ele ao chegar ao pé dela —, peço-vos que me digais se tenho algum tio.

— Não, meu filho — respondeu-lhe a mãe —, não tens nenhum tio do lado do teu falecido pai, nem do meu.

— Mas é que eu acabo de estar com um homem — continuou Aladino — que se diz meu tio, do lado de meu pai, pois era seu irmão,

segundo me afirmou. E pôs-se até a chorar e a abraçar-me quando eu lhe disse que meu pai morreria. E para prova de que é verdade aquilo que eu digo — acrescentou ele mostrando o dinheiro que recebera — eis o que ele me deu. Também me encarregou de vos apresentar cumprimentos, da sua parte, e de vos dizer que amanhã virá ver-vos e, ao mesmo tempo, ver a casa onde o meu pai viveu e morreu.

— Meu filho — retorquiu a mãe —, é certo que o teu pai tinha um irmão, mas esse morreu há muito tempo, e nunca ouvi dizer que tivesse outro.

E nada mais disseram a respeito do mágico africano.

No dia seguinte o mágico africano abordou Aladino pela segunda vez, quando ele brincava noutra sítio da cidade com outros rapazes. Abraçou-o, tal como no dia anterior e, metendo-lhe duas moedas de ouro na mão, disse-lhe:

— Meu filho, leva isto à tua mãe e diz-lhe que a irei ver esta tarde, e que compre alguma coisa para comer, para cearmos todos juntos. Mas primeiro diz-me: onde é a vossa casa?

Ele ensinou-lhe, e o mágico africano foi-se embora. Aladino levou à mãe as duas moedas de ouro; e, como ele lhe dissera qual era a intenção do seu tio, ela saiu para as ir empregar nas compras, regressando com boas provisões. Mas como estava desprovida de grande parte do serviço de mesa de que precisava, foi pedir alguma loiça emprestada aos vizinhos. Levou todo o dia a preparar a refeição; à tarde, quando estava tudo pronto, disse a Aladino:

— Meu filho, o teu tio não deve saber onde é a nossa casa; vai ter com ele, e trá-lo contigo.

Embora Aladino tivesse ensinado ao mágico africano onde era a casa, mesmo assim ele já ia a sair quando alguém bateu à porta. Aladino abriu-a e reconheceu-o logo; vinha carregado de garrafas de vinho e de várias espécies de fruta destinadas à refeição.

Depois de o mágico africano ter entregue tudo aquilo que trazia a Aladino, cumprimentou então a mãe dele e pediu-lhe que ela lhe mostrasse o lugar onde seu irmão Mustafá tinha o hábito de se sentar no sofá. Ela mostrou-lho, e ele prosternou-se, beijando esse lugar várias vezes com lágrimas nos olhos, ao mesmo tempo que dizia:

— Meu pobre irmão, como sou infeliz por não ter chegado a tempo de te abraçar mais uma vez antes de morreres!

Embora a mãe de Aladino lhe pedisse, ele nunca se quis sentar nesse lugar.

— Não — dizia ele —, não o farei; mas permiti que eu fique aqui mesmo em frente, a fim de eu olhar para ele, já que estou privado da satisfação de o ver em pessoa, como pai de uma família que me é tão querida.

A mãe de Aladino não insistiu mais e deixou-o à vontade para ele ficar onde mais lhe agradasse.

Depois de o mágico africano se ter sentado no lugar que tinha escolhido, começou a conversar com a mãe de Aladino.

— Minha boa irmã — disse-lhe ele —, não vos admireis de nunca me ter visto no decorrer de todo o tempo em que estivestes casada com o meu irmão Mustafá, de feliz memória. Há quarenta anos que saí deste país, onde nasci, assim como o do meu defunto irmão. Desde então, depois de ter viajado pelas Índias, pela Pérsia, pela Arábia, pela Síria e pelo Egípto, e de ter permanecido nas belas cidades desses países, fiquei na África, onde vivi durante muito mais tempo. Por fim, aconteceu-me o que acontece a qualquer homem: por mais distante que esteja da sua terra natal, não consegue esquecê-la, assim como aos seus parentes e a todos aqueles com quem conviveu na sua juventude. Foi o que aconteceu comigo. Senti um grande desejo de tornar a ver a minha terra e de vir abraçar o meu querido irmão, e não quis deixar de o fazer enquanto tinha ainda forças e coragem para empreender tão longa viagem; por isso tratei de fazer os preparativos para me pôr a caminho. Não vos falarei da imensidade de tempo que isso me levou, nem dos obstáculos que encontrei, nem das fadigas que suportei para cá chegar. Apenas vos direi que nada me mortificou e afligiu mais, em todas as minhas viagens, do que a notícia da morte de um irmão que sempre havia amado, e havia amado com uma amizade verdadeiramente fraternal. Reconheci os traços da sua fisionomia no rosto do meu sobrinho, vosso filho, e foi isso que mo fez distinguir no meio de todos os outros rapazes com quem ele se encontrava. É natural que ele vos tenha dito de que modo eu recebi a triste notícia de que ele já não era deste mundo. Mas apesar de tudo devo dar graças a Deus: consolo-me ao vê-lo num filho que conserva os seus traços mais salientes.

O mágico africano, que notou que a mãe de Aladino se enternecia com a lembrança do seu marido, ao renovar a sua dor, mudou de fala e, voltando-se para o lado onde estava Aladino, perguntou-lhe o nome.

— Chamo-me Aladino — disse ele.

— Pois bem — replicou o mágico —, em que é que te ocupas? Tens algum ofício?

Ao ouvir esta pergunta, Aladino baixou os olhos e ficou desconcertado. Mas a mãe, tomando a palavra, disse:

— Aladino é um mandrião. O pai fez tudo, enquanto vivia, para lhe ensinar a sua profissão, mas não o conseguiu. Depois de ele morrer, apesar de tudo quanto lhe tenho dito, e lhe repito todos os dias, não faz outra coisa senão ser um vagabundo, e passar o tempo na brincadeira com os outros rapazes, como haveis visto, sem pensar que já não é uma criança; e se vós não lhe mostrardes a desonra que isso é, e que ele não aproveite alguma coisa com isso, desespero-me toda só de pensar que ele nunca poderá valer nada. Ele sabe bem que o pai não lhe deixou nenhuma fortuna; e ele próprio vê que, a fiar algodão durante todo o dia, como eu faço, me farto de trabalhar para ganhar o nosso pão. Quanto a mim, estou resolvida a fechar-lhe a porta qualquer dia e a mandá-lo procurar trabalho onde ele quiser.

Quando a mãe de Aladino terminou estas palavras, toda banhada em lágrimas, o mágico africano disse a Aladino:

— Isso assim não vai bem, meu sobrinho; deves pensar em ajudar-te a ti próprio, e a ganhar a vida. Há muitas profissões; vê se existe alguma para a qual possas ter maior inclinação do que para as outras. Talvez te desagrade a profissão que tinha o teu pai e te sintas melhor em qualquer outra. Não me deves esconder os teus sentimentos, pois eu só procuro ajudar-te.

Quando ele viu que Aladino nada dizia, continuou:

— Se tens repugnância em aprender uma profissão e quiseres ser um homem honesto, levar-te-ei a uma loja onde há um grande sortido de bons panos e finos tecidos. Começas a vendê-los, e, com o dinheiro que fizeres, compras outras mercadorias; desta maneira, viverás honradamente. Pensa bem no assunto e diz-me francamente o que preferes. Encontrar-me-ás sempre pronto a cumprir aquilo que digo.

Esta oferta agradou muito a Aladino, a quem repugnava o trabalho normal, tanto mais que ele possuía conhecimentos suficientes para compreender que as lojas desse género eram boas e bem frequentadas, e que os comerciantes andavam bem vestidos e eram conceituados. Ele disse ao mágico africano, que olhava como se fosse seu tio, ter mais inclinação para isso do que para outra coisa, e que lhe ficaria grato para toda a vida pelo bem que lhe queria prestar.

— Já que esse modo de vida te agrada — retorquiou o mágico africano —, amanhã levo-te comigo, farei com que te vistas com decência e até ricamente, tal como compete a um dos maiores comerciantes desta cidade. E depois de amanhã pensaremos em arranjar uma loja, da maneira que eu entender.

A mãe de Aladino, que até então não acreditara que o mágico africano fosse irmão do seu marido, deixou de duvidar disso depois de ver tudo aquilo que ele prometia ao seu filho, e para bem dele. Agradeceu-lhe as suas boas intenções; e, depois de ter exortado Aladino a tornar-se digno da oferta que seu tio lhe fazia, serviu a refeição. A conversa incidiu sobre o mesmo assunto durante toda a ceia e até que o mágico, vendo que já era noite avançada, se despediu da mãe e do filho e se retirou.

Na manhã seguinte o mágico africano voltou a casa do alfaiate Mustafá, conforme tinha prometido. Levou Aladino com ele e foi à loja de um grande mercador que só vendia fatos feitos, de todos os géneros e de bons tecidos, para todas as idades e condições sociais. Disse para trazerem alguns do tamanho que servisse a Aladino, e, depois de ter posto de parte todos aqueles que mais lhe agradavam, e de ter rejeitado os outros que não lhe pareceram tão bonitos, disse a Aladino:

— Meu sobrinho, escolhe de entre todos estes fatos aquele que mais te agrada.

Aladino, encantado com as liberalidades do seu novo tio, escolheu um; o mágico comprou-o, juntamente com tudo aquilo que o devia acompanhar, e pagou tudo sem regatear.

Quando Aladino se viu tão ricamente vestido da cabeça aos pés, agradeceu muito reconhecido a seu tio; o mágico prometeu-lhe então que não o abandonaria e que o teria sempre a seu lado. Com efeito, levou-o aos lugares mais concorridos da cidade, especialmente

àqueles onde havia as lojas dos mercadores ricos. Quando chegou à rua onde se situavam as lojas dos mercadores que tinham os melhores panos e os mais lindos tecidos finos, disse a Aladino:

— Como em breve serás um comerciante como eles, é bom que frequentes estes sítios e que eles vos conheçam.

Também lhe mostrou as mesquitas mais belas e as maiores, conduziu-o aos bairros onde se alojavam os mercadores estrangeiros, e a todos os lugares pertencentes ao palácio do sultão onde se podia entrar livremente. Por fim, depois de terem percorrido todos os lugares bonitos da cidade, chegaram ao bairro onde o mágico tinha um apartamento. Encontravam-se lá alguns mercadores com quem ele começou a relacionar-se desde que chegara, e que tinha convidado propositadamente para os banquetear e, ao mesmo tempo, para lhes apresentar o seu pretenso sobrinho.

O banquete só acabou ao fim da tarde. Aladino quis despedir-se de seu tio para regressar a casa, mas o mágico africano não o deixou ir sozinho e conduziu-o ele próprio a casa da mãe. Quando ela viu o filho tão bem trajado, ficou maravilhada, cheia de alegria, e não deixou de apresentar mil agradecimentos ao mágico, que havia feito tão grande despesa com o seu rapaz.

— Generoso parente — disse ela —, não sei como agradecer a vossa liberalidade. Sei que o meu filho não merece o bem que lhe fazeis, e que seria indigno se não reconhecesse e se se negasse a corresponder às boas intenções que tendes ao dar-lhe tão distinta posição. Particularmente por mim — acrescentou ela —, agradeço-vos do fundo da alma e desejo-vos uma vida longa, para poderdes presenciar o reconhecimento do meu filho, que só vo-lo poderá mostrar da melhor maneira se seguir os vossos bons conselhos.

— Aladino é bom moço — disse o mágico africano. — Dá muita atenção ao que lhe digo; creio mesmo que faremos dele qualquer coisa de útil. Estou aborrecido só por causa de uma coisa: de não poder fazer amanhã aquilo que lhe prometi. É sexta-feira e as lojas estão fechadas, pelo que não se pode pensar em alugar uma loja e enchê-la de mercadoria enquanto os mercadores pensarem apenas em divertir-se. Por isso esse assunto fica para ser tratado no sábado. Mas amanhã eu venho buscá-lo e levá-lo-ei a passear aos jardins onde as pessoas distintas se costumam encontrar. Com certeza ainda

não viu os divertimentos que por lá há. Até aqui só andava com rapazes; agora é preciso que se faça um homem.

O mágico africano despediu-se por fim da mãe e do filho, e retirou-se. Entretanto, Aladino, que já estava todo contente por andar bem trajado, mais contente ficou só em pensar no passeio que ia dar aos jardins dos subúrbios da cidade. Realmente, ele nunca tinha ido para fora de portas, e nunca vira os subúrbios, que eram de grande beleza e muito agradáveis.

No dia seguinte, de manhã cedo, Aladino levantou-se para estar pronto quando o tio o fosse buscar. Depois de esperar muito tempo, segundo lhe parecia, a impaciência levou-o a abrir a porta e a ficar no patamar, para ver se o tio vinha. Logo que o viu, avisou a mãe e, despedindo-se dela, fechou a porta e correu até junto dele.

O mágico africano fez muitas carícias a Aladino quando o viu.

— Vamos, meu rapaz — disse-lhe com ar sorridente —, hoje vou mostrar-vos belas coisas.

Levou-o por uma porta que dava para grandes e belas casas, ou melhor, palácios magníficos, todos eles com lindíssimos jardins, cujas entradas eram livres. Em cada palácio com que deparavam ele perguntava a Aladino se estava a gostar. Mas Aladino, adiantando-se, mal via outro, dizia-lhe:

— Meu tio, está ali um ainda mais bonito do que aqueles que vimos.

Entretanto, caminhavam sempre, iam indo pelo campo fora, e o astuto mágico, que tinha desejo de ir mais longe para executar o intento que tinha em mira, aproveitou a ocasião para entrar num desses jardins. Sentou-se perto de um grande tanque, onde caía uma água puríssima que saía da boca de um leão de bronze, e fingiu que parava ali para que Aladino pudesse repousar.

— Meu sobrinho — disse-lhe ele —, deves estar cansado, assim como eu. Repousemos aqui para restabelecer as forças; depois teremos mais coragem para prosseguir o nosso passeio.

Depois de se terem sentado, o mágico africano tirou de um saco de pano que tinha preso à cintura alguns doces e várias frutas com que fizera um farnel, e estendeu tudo na beira do tanque. Partiu um doce ao meio, metade para ele e metade para Aladino; quanto às frutas, deu-lhe a liberdade de escolher as que mais lhe agradavam. Durante esta pequena refeição, entreteve o seu pretenso sobrinho

com muitos conselhos, tendentes a levá-lo a desligar-se da companhia dos garotos, e a aproximar-se mais dos homens sábios e sensatos, para os ouvir falar e poder aproveitar os seus ensinamentos.

— Em breve — dizia-lhe ele — serás um homem como eles; e assim podes habituar-te muito cedo a dizer coisas bonitas, tal como eles fazem.

Ao terminarem aquela pequena refeição levantaram-se e prosseguiram o seu caminho através dos jardins, que só eram separados uns dos outros por pequenas valas que marcavam os limites, o que não impedia a comunicação entre eles. A boa-fé fazia com que os cidadãos dessa capital não tomassem outras precauções, evitando deste modo incomodar-se uns aos outros. Quase sem que se desse por isso, o mágico africano conduziu Aladino bastante mais longe, para lá dos jardins, e fê-lo atravessar campinas que o levaram quase até ao pé das montanhas.

Aladino, que nunca na sua vida andara tanto, sentiu-se muito cansado por tão longa caminhada.

— Meu tio — perguntou ele —, onde é que vamos? Já deixámos os jardins há muito tempo; agora só vejo montanhas. Se formos mais longe, não sei se terei forças para regressar à cidade.

— Tem coragem, meu sobrinho — disse-lhe o falso tio. — Vou mostrar-te outro jardim que ultrapassa todos aqueles que viste até agora. Não é longe daqui; é já ali. Quando chegarmos, tu mesmo me dirás se não terias pena de não o ter visto depois de estarmos tão perto.

Aladino deixou-se persuadir, e o mágico ainda o levou mais longe, entretendo-o com algumas histórias divertidas, para lhe tornar a caminhada menos aborrecida e a fadiga mais suportável.

Chegaram por fim a um lugar entre duas montanhas que tinham uma altura regular, eram quase iguais, encontrando-se separadas por um vale pouco largo. Era ali o lugar memorável onde o mágico africano tinha querido conduzir Aladino, para levar a cabo a execução de um grande projecto que o tinha feito vir da outra extremidade da África até à China.

— Não vamos mais longe — disse ele a Aladino. — Vou mostrar-te aqui umas coisas extraordinárias e desconhecidas de todos os mortais; quando as houverdes visto, agradecer-me-ás por ter presenciado

tantas maravilhas como ninguém viu a não ser tu. Enquanto eu preparo o acendedor debes ir juntando uns tojos dos mais secos, daqueles que vires por aí, para eu poder fazer uma fogueira.

Havia tão grande quantidade de tojos secos que Aladino fez logo um grande molho, enquanto o mágico fazia lume com o acendedor. Deitou-lhe fogo; e, na altura em que os tojos começaram a arder, o mágico africano deitou lá um perfume que já trazia preparado. Elevou-se então uma fumarada muito densa, que ele abanou de um lado e do outro, pronunciando algumas palavras mágicas que Aladino não percebeu.

No mesmo momento, a terra tremeu um pouco, e abriu-se nesse sítio diante do mágico e de Aladino, e pôs a descoberto uma pedra com cerca de um pé e meio quadrado, e com cerca de um pé de altura, pousada horizontalmente, com uma argola de bronze no meio, para se poder levantar. Aladino, com medo de tudo aquilo que se desenrolava diante dos seus olhos, teve receio e quis fugir. Mas ele era indispensável nesse mistério, pelo que o mágico o agarrou e ralhou com ele a sério, dando-lhe uma bofetada tão forte que ele caiu ao chão; deve mesmo ter mordido a boca com os dentes, pois assim parecia pelo sangue que dela escorria. O pobre Aladino, todo a tremer e de lágrimas nos olhos, disse:

— Meu tio, que fiz eu para merecer que me castigásseis tão rudemente?

— Tenho as minhas razões para o fazer — respondeu o mágico. — Sou teu tio, agora faço as vezes de pai, e não me debes responder. Mas, meu rapaz — acrescentou ele em tom mais moderado —, não receies nada de mal: só te peço que me obedças escrupulosamente, se quiseres aproveitar e tornar-te digno dos grandes benefícios que te quero proporcionar.

Estas promessas do mágico fizeram abrandar um pouco o receio e o ressentimento de Aladino. E quando o mágico o viu mais tranquilo, disse-lhe:

— Viste o que eu fiz, mercê da virtude do meu perfume e das palavras que pronunciei. Agora fica sabendo que debaixo desta pedra, que estás a ver, existe um tesouro escondido que te é destinado e que um dia te tornará mais rico do que os maiores reis de todo o mundo. Tão verdade é isso que não há ninguém neste mundo, a não